

# CASAS DE REZADEIRAS DA CIDADE DE OEIRAS, PIAUÍ: O ESPAÇO DA PRÁTICA E DE PATRIMÔNIO

Magda Raiza da Silva Mota<sup>1</sup>

## RESUMO:

Esse trabalho tem o objetivo de realizar um breve entendimento sobre o espaço da casa de rezadeiras destinados aos rituais e ao cotidiano, na cidade de Oeiras, Piauí como espaço de Patrimônio Cultural. O espaço é considerado como um meio, e como tal, não existe e não pode existir separado dos eventos e atividades dentro dos quais ele está implicado (TILLEY, 1994). A casa além de espaço ritual é também o suporte de memórias e tradições. As rezadeiras são conhecidas por suas tradições memoráveis e orais de cura. A casa dessas mulheres, por ser um espaço de continuidade de seus ofícios, tornam-se sim lugares de patrimônio. Por fim, realizar uma etnografia da casa de rezadeira e entender como o espaço da casa interfere na dinâmica de suas vidas.

**Palavras-chave:** Espaço, Casa, Patrimônio Cultural, Rezadeiras.

## HEALERS WOMEN'S HOUSE IN THE CITY OF OEIRAS, PIAUÍ: A Cultural Heritage

## ABSTRACT:

This work aims to carry out a brief understanding of the space of the house of healer woman destined for rituals and daily life, in the city of Oeiras, Piauí and its Cultural Heritage. Space is considered as a medium, and as such, it does not and cannot exist apart from the events and activities within which it is implied (TILLEY, 1994). The house, in addition to being a ritual space, is also the support of memories and traditions. The healer woman are known for their memorable and oral healing traditions. Thus, the house of these women, as a space for the continuity of their crafts, becomes a place of heritage. Finally, to carry out an ethnography of the healers women's house and understand how the space of the house interferes in the dynamics of their lives.

**Keywords:** Space, House, Cultural Heritage, Realer Woman

---

<sup>1</sup> Arqueóloga pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); Mestra em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI); Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Área de Concentração: Antropologia, Rezadeiras, Rituais, Espaços e Patrimônio. Email: raiza\_motarqueologia@hotmail.com.

## CASAS DE BENZEDEIRAS EN LA CIUDAD DE OEIRAS, PIAUÍ: Un Patrimonio Cultural.

### RESUMEN:

Este trabajo tiene como objetivo hacer una breve comprensión del espacio de la casa de benzedeadas, destinado a los rituales y la vida cotidiana, en la ciudad de Oeiras, Piauí y su Patrimonio Cultural. El espacio es considerado como un medio, y como tal, no existe ni puede existir aparte de los eventos y actividades en los que está implicado (TILLEY, 1994). La casa, además de ser un espacio ritual, es también soporte de memorias y tradiciones. Las benzedeadas son conocidas por sus tradiciones curativas memorables y orales. Así, la casa de estas mujeres, como espacio de continuidad de sus oficios, se convierte en un lugar patrimonial. Finalmente, realizar una etnografía de la casa de la benzedeadas y comprender cómo el espacio de la casa interfiere en la dinámica de sus vidas.

**Palabras-Clave:** Espacio, Casa, Patrimonio Cultural, Benzedeadas.

### INTRODUÇÃO

O objetivo levantado a esse trabalho é de realizar um pequeno entendimento antropológico de como os espaços das casas de rezadeiras da cidade de Oeiras, Piauí que são destinados aos rituais dessas mulheres tornam-se patrimônio, devem ser respeitadas e preservadas como tal. Para que consiga visualizar sua tamanha importância, irei partir de uma etnografia realizada da casa de Dona Inácia (84 anos), rezadeira da cidade de Oeiras, Piauí.

Os espaços são fundamentais para a construção das pessoas. (CAYÓN, 2012, p.187)<sup>2</sup>. Esses espaços integram ao conjunto de patrimônio cultural imaterial, os saberes, as celebrações, as práticas ritualísticas, forma de expressão, entre outros. (ANDRELLO, 2012)<sup>3</sup>. O espaço é uma construção social, e como tal, não existe e não poderia existir separado dos eventos e atividades dentro dos quais está implicado.

---

<sup>2</sup>CAYÓN, Luís. "Lugares sagrados y caminos del conocimiento". In ANDRELLO, Geraldo. (org.). 2012. **Rotas de criação e transformação. Narrativas de origem dos povos indígenas do Rio Negro**. São Paulo: Instituto Socioambiental, p. 168-194.

<sup>3</sup> ANDRELLO, Geraldo et al. "Mapeando lugares sagrados: patrimônio imaterial, cartografia e narrativas em Iauaretê". In ANDRELLO, Geraldo. (org.). 2012. **Rotas de criação e transformação: narrativas de origem dos povos indígenas do Rio Negro**. São Paulo: ISA, p. 18-41.

## CASAS DE REZADEIRAS DA CIDADE DE OEIRAS, PIAUÍ: O ESPAÇO DA PRÁTICA E DE PATRIMÔNIO

A produção social do espaço combina o cognitivo, o físico e o emocional. Desta forma, são construídos em movimentos, memórias, e atuam como parte irredutível da experiência humana. Assim como toda a cultura, o espaço também está passível de mudança, é dinâmico e sua constituição ocorre como parte do cotidiano. Criado através das relações, o espaço depende de quem o constrói e como o constrói (TILLEY, 1994)<sup>4</sup>.

Esses espaços não são imparciais, são fundados a partir da maneira como o indivíduo entende o mundo e vive suas experiências. As suas singularidades são manifestadas e expressadas no cotidiano pelas vivências e pela consciência das pessoas dentro de suas particularidades. Os espaços são internos e externos ao indivíduo. Um “apego” ao lugar é derivado da estabilidade dos significados associados a ele (TILLEY, 1994).

Cada atividade humana se inscreveu dentro de um determinado espaço (HIRSCH; O’HANLON, 1996)<sup>5</sup>. Os grupos tradicionais tendem a ser vinculados a lugares específicos, onde seus conhecimentos permanecem, são utilizados, celebrados e que podem abranger um espaço muito mais amplo, não apenas físico, mas ritualístico, sentimental, afetivo. Tudo isso corresponde a veículos de uma tradição. Para Mura (2014)<sup>6</sup> o espaço pode ser entendido como o resultado de uma trajetória tanto seletiva, quanto de adaptações de experiências históricas que moldam seu entendimento e lhe oferecem movimento e dinamicidade.

Para Ingold (2012)<sup>7</sup>, o ambiente pode ser um elemento gerenciado e moldado pelas práticas cotidianas e culturais do grupo. Mura (2018)<sup>8</sup> afirma que entender o espaço permite visualizar o modo organizacional da vida individual e coletiva, dominando os fluxos culturais, repasse de conhecimentos, habilidades, trajetórias, experiências a partir e para além dos espaços.

As rezadeiras são mulheres que realizam rezas relacionadas aos conhecimentos do catolicismo popular. São rezas realizadas com o objetivo de restabelecer o equilíbrio material, físico e espiritual das pessoas que buscam por sua ajuda. Esses rituais de curas são realizados no espaço de suas casas e podem utilizar vários elementos de cultura material: ramos verdes, vassourinhas, crucifixo, agulhas, linhas, panos, entre uma infinidade de objetos cotidianos que

---

<sup>4</sup> TILLEY, Christopher. Space, Place, Landscape and Perception: Phenomenological Perspectives. In. **A Phenomenology of Landscape: Places, Paths and Monuments**. London: Berg, 1994. p. 1-34.

<sup>5</sup> HIRSCH, Erick; O’HANLON, Michel. Landscape: Between place and Space. In. **The Anthropology of Landscape**. London: Clarendon Press, 1996.

<sup>6</sup> MURA, F. 2014. “**Beyond nature and the supernatural**: Some reflections on religion, ethnicity and traditions of knowledge”. In *Vibrant*. V 11, n2. pp. 407-443

<sup>7</sup> INGOLD, Tim, **Ambientes para la vida**. Conversaciones sobre humanidad, conocimiento y antropología. Montevideo: Ediciones Trilce,. Tabula Rasa. 2012.

<sup>8</sup> BARBOSA DA SILVA, Alexandra & MURA, Fabio. 2018. “Territory and domestic ecology among the Kaiowa of Mato Grosso do Sul”. In *Vibrant*, vol. 15, 2. (Versão em português).

no momento ritualístico, perde seu papel rotineiro e passa a ser um instrumento interlocutor entre o sagrado e as rezadeiras (SANTOS, 2007)<sup>9</sup>.

O ritual destas rezas, busca no plano simbólico garantir a cura do mal (SANTOS, 2010)<sup>10</sup>. Os ritos de cura são realizados em diversas doenças, *dor de cabeça, quebrante, engasgo, espinhelo caído*, entre várias outras.

A casa sempre foi o centro das atividades familiares: espaço de socialização e de sociabilidade, de religiosidade, cuidados com a saúde (WOORTMAN, 1992)<sup>11</sup>, assim, a casa torna-se um lugar de patrimônio.

Para Gonçalves (2012)<sup>12</sup> A palavra patrimônio atua como uma reivindicação, qualquer espaço, qualquer lugar, qualquer atividade, qualquer objeto podem ser identificados e reivindicados como patrimônio por um ou mais grupos sociais. O patrimônio enfatiza que esses espaços podem ser lidos como testemunho da história de diferentes indivíduos e seus coletivos, que os ocupam, os utilizam e os ressignificam, estabelecendo relações de pertencimento dos indivíduos com a sociedade. Assim, entendo as casas das rezadeiras, onde são realizados tantos seus ritos como o seu cotidiano um patrimônio, fazendo parte dessas mulheres.

## **PATRIMÔNIO DAS CASA DE REZADEIRAS DA CIDADE DE OEIRAS PAIUÍ.**

A discussão de patrimônio na antropologia é consideravelmente recente. Tomou maior destaque quando retirou a linha que margeava o material, que já possuía uma discussão sobre sua preservação a bastante tempo, unindo ao imaterial, ou o intangível. Somando essas duas vertentes do patrimônio, foi possível entender que não há materialidade sem a imaterialidade e vice-versa. A discussão da imaterialidade já estava sendo feita pela Unesco entre décadas de 80, mas no Brasil, apenas com o Decreto 3551/2000, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), considerou por lei, um novo conjunto de bens culturais.

---

<sup>9</sup> SANTOS, Francimário Vito dos. **O Ofício das Rezadeiras**: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta/RN. 2007. 196 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

<sup>10</sup> SANTOS, Francimário Vito dos. **O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural**: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. Revista CPC, São Paulo, n. 8, p. 6-35, 2010.

<sup>11</sup> WOORTMAN Ellen F. **Da Complementaridade à Dependência**: espaço, tempo e gênero em comunidades “pesqueiras” no nordeste. Série Antropologia 111, Brasília, 1992.

<sup>12</sup> GONÇALVES, José Reginaldo Santos. As transformações do patrimônio: da retórica da perda à reconstrução permanente. TAMASO, I. e LIMA FILHO, M. **Antropologia e patrimônio cultural: trajetórias e conceitos**. Brasília: ABA, p. 59-73, 2012.

## CASAS DE REZADEIRAS DA CIDADE DE OEIRAS, PIAUÍ: O ESPAÇO DA PRÁTICA E DE PATRIMÔNIO

Para Netto (2015)<sup>13</sup>, o patrimônio vai além dos artefatos. O patrimônio cultural imaterial é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas, lugares, que remetem à história, à memória de um povo. A preservação do patrimônio cultural significa, principalmente, cuidar dos bens aos quais esses valores são associados, ou seja, cuidar de bens representativos da história e da cultura de um lugar, de um grupo social.

A ideia de patrimônio não está limitada apenas ao conjunto de bens materiais de uma comunidade, mas também se estende a tudo aquilo que é considerado valioso pelas pessoas (IPHAN, 2012)<sup>14</sup>. Para Loureiro (2015)<sup>15</sup>:

Os patrimônios culturais são formados a partir da junção de vestígios e fragmentos do passado – muitas vezes idealizado – constituídos por diferentes elementos que compreendem objetos, edificações, espaços urbanos, espaços naturais (p.101).

O conceito de Patrimônio Cultural remete, antes de outra coisa, para o de propriedade. É patrimônio algo a que atribuímos um valor e com o qual estabelecemos uma relação de apropriação (OOSTERBEEK, 2004)<sup>16</sup>. O uso da categoria intangível ou imaterial tornaram possíveis patrimonizar qualquer objeto, espaço, práticas sociais e até mesmo pessoas, os chamados “tesouros humanos vivos”, destinados a pessoas que controlam determinados saberes tradicionais (GONÇALVES, 2012), que, no caso se integra as rezadeiras, mas nessa discursão, pretendo tratar um pouco mais sobre os espaços de suas casas, que como lugares de rituais, também se definem como patrimônio.

Patrimônio Cultural é o conjunto de realidades, materiais e imateriais, cuja gestação nos precedeu, e que constitui uma espécie de mapa orientador sobre o qual nos situamos, definido pela relação que estabelecemos, ou não, com ele (OOSTERBEEK, 2004). O patrimônio intangível está imerso em um universo material, o utilizado como suporte e símbolo para a sua perpetuação (SOUZA, 2013)<sup>17</sup>.

---

<sup>13</sup> AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier. **Informação, patrimônio e memória**: diálogos interdisciplinares. João Pessoa: UFPB, 2015.

<sup>14</sup> INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Iphan). **Patrimônio Cultural Imaterial**: para saber mais / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto e revisão de, Natália Guerra Brayner. -- 3. ed. -- Brasília, DF : Iphan, 2012.

<sup>15</sup> LOUREIRO, José Mauro Matheus. **Informação, memória e patrimônio**: breves considerações. Informação, patrimônio e memória: diálogos interdisciplinares. João Pessoa: Editora da UFPB, p. 97-107, 2015.

<sup>16</sup> OOSTERBEEK, Luiz. **Arqueologia pré-histórica**: entre a cultura material e o patrimônio intangível. Cadernos do LEPAARQ (UFPEL), v. 1, n. 2, 2004.

<sup>17</sup> SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres**: aspectos do catolicismo popular / Ricardo Luiz de Souza. – Natal: IFRN, 2013.

As rezadeiras são identificadas pelos rituais que praticam. Suas atividades não se encontram paradas no tempo, ela é atual, sendo renovada, modificada, tornando-se uma realidade dinâmica que ajuda a construir um modelo de vivência na religiosidade popular, como um espaço, de mediação (THEOTONIO, 2011)<sup>18</sup>.

Os rituais praticados em suas próprias casas adentram as falas de Woortman (1992) que coloca a casa como centro das atividades familiares: espaço de socialização e de sociabilidade, de religiosidade, cuidados com a saúde, componente do “campo feminino”. Usarei da etnografia para descrever o espaço sagrado das rezadeiras que, corresponde ao próprio lar das senhoras.

Elas afirmam que seus ritos e suas curas são católicas, e que provem de um “dom” de Deus, que é passado de geração para geração, algumas na sequência de avós para netas e outras na sequência de mãe para filha. Essas mulheres se afirmam fortemente como católicas, embora muitas delas não frequentem mais as igrejas, abominam qualquer outra denominação dadas a elas diferentes de católicas.

O ritual destas rezas se iniciam com a escolha do horário, o ritual nunca deve ocorrer antes das seis e depois das dezoito horas. Tem as rezadeiras que só rezam em crianças ou em adultos ou até em animais. Aquelas que dominam o poder de todos os conjuntos de reza, são chamadas por elas de “*mais forte*” ou “*mais sabidas*”. Cada reza tem a sua quantidade de repetições, as rezadeiras “*mais fortes*” só precisam rezar uma vez e obtém a cura. Essas mulheres atuam como uma intermediadora do poder divino, formando assim, a simbologia do catolicismo popular, a santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo (THEOTONIO, 2011).

Essas rezas se materializam através da cultura material pode ser considerada como uma parte das relações sociais e quanto mais simples for a cultura material, mais numerosos são seus relacionamentos que se expressam através dela. Assim, as pessoas não apenas criam sua cultura material e unem a ela, como também constroem seus relacionamentos em torno dela (EVANS-PRITCHARD, 1978)<sup>19</sup>. As rezadeiras utilizam objetos como rosário e ou ramo que é passado no corpo da pessoa durante o processo de cura. Esse ramo é selecionado de acordo com a rezadeira e a especificidade de cada reza.

O que eu chamo de objetos auxiliares das rezadeiras, Ingold (2012)<sup>20</sup> chama de ‘coisas’, que são os objetos que possuem além de sua finalidade, outras depositadas e se

<sup>18</sup> THEOTONIO, Andrea Carla Rodrigues. **Práticas de rezas**: Oralidade e cultura no cotidiano das rezadeiras. 2011.

<sup>19</sup> EVANS-PRITCHARD, E.E. (1978). Interesse pelo Gado, Ecologia e Tempo e Espaço. In. **Os Nuer**. São Paulo. Editora Perspectiva.

<sup>20</sup> INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida**: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, June 2012.

## CASAS DE REZADEIRAS DA CIDADE DE OEIRAS, PIAUÍ: O ESPAÇO DA PRÁTICA E DE PATRIMÔNIO

complementam com a afetividade do mesmo. As coisas estão vivas, pois são trazidas a vida. No caso das rezadeiras, essas coisas atuam como participantes do ritual da reza, são auxiliares da cura.

É possível entender isso por exemplo, com uma garrafa pet, que no momento da reza, atua como curador de dores de cabeça. O objeto é uma coisa porque possui uma agência dada a ele pelas rezadeiras. Diante disso, algumas coisas se destacaram em suas narrativas e demonstram a seletividade de suas interlocutoras. Além de ser um conhecimento tradicional que lhe foi transmitido, cada coisa é direcionada a uma doença específica, não foi apenas escolhida por elas, mas foi aprendida e reproduzida em seus rituais.

O estudo desses objetos são coisas testemunhas, que falam e narram por si rituais aos quais pertencem, eles comunicam e representam. As coisas vão além do seu uso, carregam e narram significados, experiências de vida das rezadeiras, retratam seus ofícios, são interlocutoras da prática. O contexto em que esse objeto se insere determina sua significância e sua importância (BASQUES, 2010)<sup>21</sup>.

Enquanto moradores, experimentamos a casa não como objeto, mas como coisa (INGOLD, 2012). A casa atua como ponto central desse ritual. Ela atua como suporte da memória da reza, de suas narrativas, de seu cotidiano. Elas intercedem o espiritual de suas rezas e suas rotinas. A casa, para mim, é o suporte do ofício de ser rezadeira.

Para Bourdieu (2013)<sup>22</sup> o espaço social se manifesta em diversos contextos como oposições espaciais e o espaço habitado é uma metáfora espontânea do espaço social. Esse espaço sempre se encontra entre as objetividades das estruturas espaciais e as estruturas subjetivas.

O espaço social não é um espaço físico, todavia, ele se concretiza muito bem neste. O espaço social é o espaço que habitamos, e por isso ele é marcado e construído, o espaço físico seria uma abstração. O espaço estrutura as particularidades dos indivíduos (SEGAUD, 2016)<sup>23</sup>. São fundados a partir da maneira como o indivíduo entende o mundo e vive suas experiências (TILLEY, 1994).

Para Certeau (2008)<sup>24</sup>, o espaço seria a repetição das experiências. As suas singularidades são manifestadas e expressadas no cotidiano, dentro de suas singularidades, é

<sup>21</sup> BASQUES, Messias. "Uma antropologia das coisas: etnografia e método." *Espaço Ameríndio* 4.1, 2010.

<sup>22</sup> BOURDIEU, Pierre. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. *Estudos avançados*, v. 27, n. 79, p. 133-144, 2013.

<sup>23</sup> SEGAUD, Marion. *Antropologia do espaço: habitar, fundar, distribuir, transformar*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

<sup>24</sup> DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petropolis, RJ; Vozes, 2008.

um lugar praticado. (CERTEAU, 2008, p. 201). Assim quem os transformam são seus moradores e frequentadores. Ele reflete o indivíduo tanto quanto é um reflexo do mesmo

Ingold (2012) afirma que: “[...] los humanos habitan mundos con sentidos” (p.70), o espaço estar ocupado, preenchido com coisas e fios tecidos de nó da vida. A casa de rezadeiras é transformada em espaço a partir de suas práticas e de seus rituais cotidianos, de seus netos que moram ou não na casa, de suas filhas que sempre se encontram na cozinha realizando seus preparos.

A casa é o maior espaço de relação e refúgio entre as lembranças e os sonhos, onde são conduzidos. É nela que sonhamos e construímos nossa esperança do futuro. A nossa casa é a riqueza do nosso mundo. É nosso primeiro universo, nosso primeiro laço de apego. Ela atua como maior poder de relacionar pensamentos, sentimentos, recordações e memórias (JUNG, 2016)<sup>25</sup>. A casa atua como lugar de memória, que figuram em narrativas e têm uma função mnemotécnica. Gonçalves (2012) menciona e descreve a casa:

[...] A casa com alma é feita da mesma substância da qual são feitos seus habitantes, ela não somente reflete a personalidade dos moradores, mas nutre o universo mental deles. A casa com alma abriga e oportuniza momentos que fortalecem a identidade de quem nela vive. Como uma caixa de som reverbera as ideias, os sentimentos e as ações dos moradores. Como um espelho, ela reproduz os movimentos dos habitantes. Como um jardim, a casa com alma oferece um solo fértil para germinar e florescer o que faz seus habitantes felizes. Como um diário, ela registra as alternâncias vividas pelos moradores em todas as áreas da vida. Ela se ilumina, abre-se ou se fecha no ritmo das vivências dos habitantes. A casa com alma é uma casa viva (p. 102, 103).

O espaço da casa é o local de memória, pois a casa é construída a partir da nossa perspectiva de existir no mundo (CERTEAU, 2008) de nossas marcas, afetividades, memórias, experiências. Vai além de limites demarcados por paredes e tijolos, envolve uma construção na memória, na narrativa ou simplesmente no mapeamento de nossos passos. A casa é produto de uma totalidade social e são modificadas e reconstruídas a partir das necessidades sociais, e de nossas memórias. A leitura da casa das rezadeiras nos permite uma análise do seu estado de organização social atual.

Todo espaço habitado traz consigo a noção de casa (BACHELARD, 1993)<sup>26</sup>. O passado, presente e futuro dão a casa uma agência dinâmica. Sem a casa o sujeito seria disperso.

<sup>25</sup> JUNG, Carl G. et al. **O homem e seus símbolos**. HarperCollins Brasil, 2016.

<sup>26</sup> BACHELARD, G., **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.7



## CASAS DE REZADEIRAS DA CIDADE DE OEIRAS, PIAUÍ: O ESPAÇO DA PRÁTICA E DE PATRIMÔNIO

Ela é o corpo e a alma, é o primeiro mundo do indivíduo e nosso canto do mundo. Ela nos dá a ilusão de estabilidade (BACHELARD, 1993).

Abordar uma etnografia da casa é esta sempre na ‘corda bamba’ da memória e da imaginação (BACHELARD, 1993). Para Ingold (2012), a casa real nunca existiu e nunca ficou completamente acabada, pois ela exige de seus habitantes um eterno e contínuo esforço em relação aos humanos e não humanos que entram e saem desse espaço. Exige-se um cuidado, quanto aos fungos, as chuvas, as folhas. A casa real é uma reunião de vidas, ser uma coisa no meio da coisificação. Nossas relações não consistem nos objetos, mas em como nos aproximamos deles.

Bosi (1979)<sup>27</sup> diz que a primeira casa, a casa materna, nem sempre é a casa onde se encontra a maioria de nossos momentos mais importantes. “Ela é o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções” (p.356). Sempre haverá uma casa que se privilegia na construção das lembranças. No caso da Dona Inácia, sua casa é fruto de seu casamento. Por ser uma casa de interior e de periferia, suas feições ainda marcam um período onde se coloca a cadeira na porta de casa e sua porta permanece sempre aberta, para quem quiser chegar e tirar um ‘dedo de prosa’. Onde os vizinhos se conhecem, praticamente uma linha de parentesco, de fato, não me surpreenderia se fulano fosse filho do neto de cicrano, essas comunidades de interiores possuem suas próprias linhagens.

Ingold (2012) afirma que os filósofos veem o espaço como uma boneca russa, com vários níveis e subníveis dentro da mesma, sempre se abrindo e mostrando outros lugares. Assim como uma casa, ela é composta por vários outros níveis de lugares, cômodos, quintais, varandas. A interação entre eles seria a partir do movimento. O espaço é o encontro de seus habitantes e seu entrelaçamento como nós de vida. Nunca é o mesmo, pois a pessoa que caminha por ele, nunca será a mesma. Ele modifica e acompanha o indivíduo (INGOLD, 2011)<sup>28</sup>.

Assim, como os lugares são interpretados como contêineres para as pessoas, então essas pessoas - ou melhor, suas mentes - passam a ser vistas como recipientes para os elementos da tradição que são transmitidos a eles por seus ancestrais, e que por sua vez vai passar para seus descendentes. É por isso que o conhecimento tradicional é tão frequentemente assumido (p. 155)<sup>29</sup>.

<sup>27</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembrança de velho**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

<sup>28</sup> INGOLD, T. 2011. “Against space: place, movement, knowledge”. In: **Being Alive: Essays on movement, knowledge and description**. London and New York: Routledge

<sup>29</sup> A citação do texto foi retirada e traduzida por mim.

Na casa, a disposição dos cômodos e dos objetos explicam muito sobre seus habitantes e como eles estabelecem suas afeições. Leitão; Machado (2010)<sup>30</sup> ao falar da casa Kayble de Bourdieu (1999)<sup>31</sup>, diz que os sujeitos que constroem e organizam os objetos de acordo com seus sistemas de pensamentos compartilhados. Todavia, esses objetos também constroem esses pensamentos. Embora a casa tenha uma certa estabilidade e solidez, ela possui uma dinâmica que é desenvolvida por seus habitantes, no caminho de um cômodo a outro, entrando e saindo por suas portas, nas atividades e práticas do cotidiano (INGOLD, 2012, p. 40).

Os caminhos realizados nos pés ao chão. O que de fato chamamos de chão, na verdade é, para Ingold (2012) uma superfície onde o ar e a umidade se relacionam com a terra na formação das coisas vivas. Mas é na sala onde é possível salientar o encontro do sagrado e o público (SANTOS, 2010). Mas o que torna esses cômodos afetivos? Acredito eu que seriam os objetos que organizamos nesses lugares. Uma sala sem objetos seria inabitável, as ausências dos objetos nos cômodos transformariam em lugares desertos (INGOLD, 2012).

A arrumação desses objetos diz muito sobre seus possuidores, a posição de status que cada um possui. As intimidades dos objetos postos no quarto, a cama preparada para o ritual de repouso, o arranjo das cadeiras na sala, que sempre estão prontas para uma roda de conversa. “Quanto mais voltado ao cotidiano, mais expressivos são os objetos” (BOSI, 1979, p. 360). Certeau (2013)<sup>32</sup> faz uma análise sobre a habitar a casa, que eu não poderia mencionar mais claro:

Um lugar habitado pela mesma pessoa durante um certo tempo esboça um retrato semelhante, a partir dos objetos (presentes ou ausentes) e dos costumes que supõem. O jogo das exclusões e das preferências, a disposição do mobiliário, a escolha dos materiais, a dos materiais, a gama forma de cores, as fontes de luz, o reflexo de um espelho, um livro aberto, um jornal pelo chão, uma raquete, cinzeiros, a ordem e desordem, o visível e o invisível, a harmonia e as discordâncias, a austeridade ou a elegância, o cuidado ou a negligência, o reino da convenção, toques de exotismo e mais ainda a maneira de organizar o espaço disponível, por exíguo que seja, e de distribuir nele diferentes funções diárias [...] tudo já compõe um ‘relato de vida’, mesmo antes que o dono da casa pronuncie a mínima palavra. O olhar atento reconhece imediatamente a confusão dos fragmentos do ‘romance familiar’, o traço de uma encenação destinada a dar uma certa imagem de

---

<sup>30</sup> LEITÃO, Débora Kriskke; PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Tratar as coisas como fatos sociais: metamorfoses nos estudos sobre cultura material. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, v. 15, n. 2, p. 231-247, 2010.

<sup>31</sup> BOURDIEU, Pierre. A Casa Kabyle ou o mundo às avessas. *Cadernos de Campo* (São Paulo, 1991), v. 8, n. 8, p. 147-159, 1999.

<sup>32</sup> DE CERTEAU, Michel de et al. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

## CASAS DE REZADEIRAS DA CIDADE DE OEIRAS, PIAUÍ: O ESPAÇO DA PRÁTICA E DE PATRIMÔNIO

si, mas também a confissão involuntária de uma maneira mais íntima de viver e sonhar (p.203, 204).

Acredito que os objetos sejam mencionados em correlação a casa, já que estes, acompanham a casa e seus habitantes na velhice. Os objetos nos permitem afetividades em nossas posições de mundo. Bosi (1979) chama esses objetos de ‘objetos biográfico’, pois envelhecem com seus habitantes e se incorporam em suas vidas, são marcos de experiências afetivas que seus habitantes querem lembrar, são objetos que se enraízam em seus interiores, são insubstituíveis. “Elas nos dão a pacífica impressão de continuidade” (BOSI, 1979, p. 360).

69

### CASA DE REZADEIRA: A CASA DE DONA INÁCIA

O espaço doméstico é um lugar privilegiado onde os atores encenam os significados sociais implementados em sua casa. Os diversos lugares que compõem a casa, nem de longe se comparam as múltiplas funções e práticas (CERTAU, 2013). A casa é o local no qual encontramos a dinâmica de pessoas e os processos psicológicos. O espaço da casa é onde encontramos o refúgio e o conforto. “A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade” (BACHELARD, 1989, p. 37).

Quando realizei a visita à casa das rezadeiras, a casa de Dona Inácia, possuía uma porta de entrada que chamou a atenção. É uma porta de madeira, que se repartia em duas partes, típica porta encontrada em cidades do interior. Somente no espaço da sala de estar, espaço que mais produzimos para aparentar e destacar as características que queremos que os outros tenham sobre nós, é onde a busca pela cura se encontra, mas é também o local da rotina de assistir televisão e novelas. Sem muito adentrar, logo pude ver os quadros de santos em suas paredes e crucifixos. Assim, sem pensar muito, entendi que a imagem passada ali era de mulheres devotas ao catolicismo.

É em sua sala de estar ou em suas varandas, do sol raiar pela manhã até ele se pôr pela noite. Seus pacientes as buscam para obter a cura de um mal físico ou espiritual, e é naquele espaço, que se passa o cotidiano dessas mulheres, onde sua fé, quando evocada, as tornam rezadeiras. Mas não apenas a prática da reza se faz a casa, é onde essas mulheres criaram e alimentaram seus filhos e netos, onde sentiram a perda de entes queridos, mas também se afeiçoaram aos novos, onde bolos com café são servidos para as visitas e um dedo de prosa.

Suas histórias são contadas e vividas. Na casa elas transformam sua individualidade cotidiana, para as intermediárias da cura.

A casa de Dona Inácia logo foi reconhecida pela simplicidade, pequenas construções, paredes de tijolos, nem sempre com rebocos, o piso, quando não era de chão batido, era de cimento frio. O teto é forrado de telhado, construída com ‘meia-água’, que são casas construídas que evidenciam as poucas condições financeiras de quem mora lá. As paredes construídas de forma que não chegassem ao encontro do telhado deixando, assim, melhor ventilação dos cômodos, características de construções de casas mais antigas. A casa simples, com no máximo quatro a cinco cômodos, incluindo sala, seu quarto, a cozinha, que possuía uma construção bem simples, tinha ainda seu forno a lenha que, no momento de nossa visita, tinha uma refeição sendo preparada nele.

Da sala era possível ver um ensaio de porta realizada com uma cortina azul em tons mais escuros que em sua parede, um tecido pregado com pregos que realizava a divisão de cômodos, provavelmente o quarto de Dona Inácia. Um outro quarto no qual ficavam suas filhas e o banheiro que se encontrava atrás da casa, em seu quintal. Quando cheguei a casa de Dona Inácia, de primeira, minha atenção voltou para as paredes de sua sala, de cores azul claro, quase que desbotadas e agudas. Acredito eu, com a experiência de minha mãe, que seria a mistura de mais água para economizar a tinta das paredes. Minha mãe é uma adepta dessa técnica. Mesmo com a simplicidade, é notório que a Dona Inácia adora receber visitas, então, perguntei se poderia realizar outras visitas. Com isso, gentilmente, afirmou que sua casa está de portas abertas:

*Podendo vim, pode! A casa é pobre, mas não pega pobreza em vocês não (risos). Ela é pobre porque Deus queria que eu ficasse na pobreza, pelos anos que eu nasci, se fosse para mim ser rica, eu já era (DONA INÁCIA, 2019).*

Assim, embora se notasse uma boa limpeza dentro da casa, as rachaduras e rebocos evidenciavam uma casa simples e velha, isso correspondia com a tinta azul clara aguada descascando das paredes.

Morar na casa se propõe por meio da intencionalidade dos atos praticados naquelas materialidades, com diversas ressonâncias e repercussões, ecos e lembranças de um passado impregnados em paredes do presente. É a partir de nossas memórias que damos nomes a objetos, reconhecemos nosso lugar no tempo e espaço. Está na casa, sentir a casa, não seria apenas o confronto de coisas-reais, mas também de coisas-sentidas (SOUZA, 2003). Todos nós

## CASAS DE REZADEIRAS DA CIDADE DE OEIRAS, PIAUÍ: O ESPAÇO DA PRÁTICA E DE PATRIMÔNIO

moramos em algum lugar que se apropria de nossas características, nós mesmos, nossas lembranças, nossa memória, nossa casa, são espaços que construímos em nós mesmos.

Paredes discretas, fotografias também, imagens de santos pouco a pouco foram sendo captadas por mim e diferenciadas, mas na parede do canto esquerdo em sentido a entrada da casa, havia uma fotografia em um tamanho consideravelmente grande para nossa época. Era a fotografia de um homem, pintada como aquerela, com seu tom de pele pálido e branco, vestia um terno e por de trás, um fundo um pouco mais azul, menos aguado que os tons que encontrei nas cores das paredes.

Me fez recordar de um mesmo estilo de fotografia que se encontrava nas paredes do quarto de minha avó materna que, por coincidência, também tinha suas paredes na cor azul claro. Aquela imagem era a fotografia de meu avô quando jovem. Ao lado dessa fotografia, havia outra no mesmo estilo de moldura que orgulhosamente ela mostrava sua juventude. Percebi, então, que a casa de Dona Inácia estava além de apenas suas relações particulares, mas que eu, como indivíduo, repartia minhas lembranças e me relacionava com aquele lugar.

A casa de Dona Inácia que mais se destaca em suas imagens de santos que fazem parte do catolicismo popular assíduo por essas mulheres. As imagens religiosas, quando se encontram em um local devocional, representa além do que ela evoca e explicita sua própria presença, torna-se visível. Elas o que denotam a existência de uma devoção religiosa independente da frequência de visitas as igrejas, mas que é vivida em seu cotidiano.

As imagens devocionais são instrumentos de comunicação com um mundo celeste. As imagens de santo na devoção representam mais que os milagres de Deus, pois os santos são os instrumentos utilizados por Deus para a realização desses milagres. Dessa forma, os santos vão se especificando, cada um com suas propriedades. As imagens de devoção são evocadas para ocupar espaços que possuem sentidos indicados pelas práticas de adoração. A devoção a imagem é o pedido de apropriação de propriedades particulares atribuídas a cada santo (LOPES, 2003). Dona Inácia com orgulho, ela faz questão de me explicar suas devoções:

*Aqui é Santa Luzia, tá vendo?! (apontando para a imagem na parede) Nossa senhora da Aparecida, quando eu tive em São Paulo eu trouxe ela. (O filho a interrompem e a corrigi) É! Aquela dali é Nossa senhora da Penha, num da Aparecidanão, aqui a Igreja de São Paulo. Essa aqui é Santa Luzia. (DONA INÁCIA, 2019).*

Esses objetos que se correlacionam a casa, são objetos que acompanham a casa e seus habitantes na velhice, os objetos nos permitem afetividade em nossa posição de mundo.

As cadeiras de ferro envolvidas por uma espécie de mangueira fina, quase transparente, de diversas cores, roxo, verde, azul, chamados de ‘macarrão’, bem típico nas varandas das casas de velhos, postas na sala para receber nossa visita. Perto delas, no canto direito em sentido a porta de entrada, havia uma estante, de metal, na cor preta, quase que descascando, com alguns compartimentos que possuíam fotografias. Na parede ao lado da estante, três flores estavam penduradas, aparentemente, flores de papel feitas para alguma decoração de festa, mas que, agora, faziam parte da casa.

A cozinha de Dona Inácia possuía um tom branco, com várias partes da parede apenas com reboco. No canto direito da entrada encontrava-se uma mesa retangular de madeira, forrada com um tecido meio plástico branco, com um crucifixo bem perto, sem nenhuma cadeira, onde seu neto, sentado, curiosamente escutava nossa conversa e também nos fazia companhia. Do lado contrário à mesa, ainda tendo uma visão apenas da sala. Era possível ver um fogão à lenha, que se encontrava aceso. Quase que rente a entrada da sala para a cozinha, era possível ver uma saída para seu jardim, ou melhor, como ela chamou, seu quintal, no qual plantava suas ervas, seu material para chá, bem como colocava as roupas no varal e onde estava localizado o banheiro da casa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como toda e qualquer manifestação cultural está sujeita a mudanças e ao hibridismo. Oliveira (1985 a, p.15)<sup>33</sup> afirma que as rezadeiras tiveram que se adaptar e criar estratégias para coexistirem no meio urbano. “Elas criam e recriam um aspecto importante da cultura popular o de produzir curas e o de tornar vivas e sólidas as relações entre as pessoas” (p.15).

Então esse breve ensaio inicial tem o intuito de apontar a necessidade de entender como essas mulheres, seus ofícios, suas práticas e seu espaço tornam-se patrimônio. O patrimônio imaterial são bens vivos, dinâmicos e em constante mudanças, expressos através de ações

---

<sup>33</sup> OLIVEIRA, Elda Rizzo. *O que é benzeção*. São Paulo Brasiliense, 1985 a.

## CASAS DE REZADEIRAS DA CIDADE DE OEIRAS, PIAUÍ: O ESPAÇO DA PRÁTICA E DE PATRIMÔNIO

culturais de base oral, de memórias narradas, de construção de seus espaços como patrimônio vivo.

Como Mauss (1974)<sup>34</sup> buscarei por uma regra de método que a vida social como essência e que varia. Ao mesmo tempo que as variações ao externo estão sendo produzidas sem o conhecimento do observador. A vida social das rezadeiras se apresentam em duas formas oponíveis e paralelas à sua dupla morfologia. Em suas casas não ocorrem só o ritualístico, como também não ocorre só o cotidiano, um está dentro da outra, são complementares e opostos (BOURIEU, 1999). Cada função social tem seu ritmo próprio (MAUSS, 1974).

Não há espaço sem o seu valor afetivo, não há imaterialidade sem sentimentos. Sendo assim, concordo com Peter Gow (1995)<sup>35</sup> quando ele diz que não é apenas os espaços que as pessoas vivem e para a quão elas dão sentido, são suas vidas estão intimamente ligadas a isso. Não devemos reduzir a história a um aspecto de fabricação de materiais humanos e representações. Devemos começar a pensar nas implicações dessas outras histórias como modo de experiência vivida.

---

<sup>34</sup> MAUSS, Marcel (1974). “Ensaio sobre as Variações Sazoneiras das Sociedades Esquimós”. In. **Sociologia e Antropologia**, vol. II. São Paulo. Editora Pedagógica e Universitária Ltda/ Editora da Universidade de São Paulo. p. 237-326.

<sup>35</sup> GOW, Peter. 1995. Land, People and Paper in Western Amazonia. In **The Anthropology of Landscape: Perspectives of Place and Space**, Hirsch E. e O’ Hanlon (eds.). Oxford Univeraity Press, p.43-62.